

BOLETIM



CELEBRAR O MUSEU, CONTINUAR A LUTA

O Museu Nacional Resistência e Liberdade nasceu da luta popular que, desde sempre, mas especialmente desde 2016, exigiu a transformação da Fortaleza de Peniche num espaço de evocação da luta contra o fascismo, pela liberdade e pela democracia. A URAP celebrou o nono aniversário dessa luta no dia 25 de outubro, com um programa de visitas guiadas e de convívio onde foram anunciados, por José Pedro Soares, os próximos projectos: no Porto, em Angra do Heroísmo, no Tarrafal, em Caxias e num extenso trabalho de estudo e divulgação que mantém com a colaboração dos seus associados e amigos.



REUNIÃO DOS ÓRGÃOS SOCIAIS



No mesmo dia, a AAMNRL reuniu os seus Órgãos Sociais para analisar a proposta da Direcção para o Plano de Atividades de 2026 e dar os seus contributos. A versão final será discutida e aprovada na Assembleia Geral, no primeiro trimestre de 2026.

LEMBRETE DE QUOTAS E NOVOS ASSOCIADOS

Aproxima-se o final do ano. Caso não tenha regularizado a quota de 2025, agradecemos que o faça para a conta oficial da Associação na CGD

(IBAN: PT50 0035 0612 0003 6327 030 26).

- Na transferência bancária indique sempre o nome ou número de sócio.
- Se o pagamento for efectuado por outra pessoa, mencione o nome do associado.
- No caso de pagamento de várias quotas de diferentes sócios, envie, por favor, um email com os respectivos nomes e valores. Convide familiares e amigos a juntarem-se a nós: basta preencher a ficha de inscrição (em anexo), consultar os Estatutos e pagar a quota mínima anual de 12€.

Dúvidas e envio das inscrições remeta para:

associacaoamigosmnrifortalezap@gmail.com



URAP ASSINALA OS 90 ANOS DA “GUERRA DAS ESPOLETAS”

A URAP e a AAMNRL comemoram, a 15 de novembro de 2025, os 90 anos da Revolta Popular de Peniche com uma visita evocativa, às 15h, entre a Praça Jacob Rodrigues Pereira e o local onde foi morto o pescador Francisco Sousa, símbolo da resistência ao fascismo de 1935. A AAMNRL convida os associados a marcarem presença nesta homenagem.

O pescador Francisco Sousa morto a tiro pela GNR

A REVOLTA POPULAR DE PENICHE DE 1935

Passam, no dia 13 de novembro, os 90 anos da Revolta Popular de Peniche, também conhecida por “Motim de Peniche” ou “Guerra das Espoletas”. Esta Revolta, inscreve-se nas grandes lutas da resistência ao fascismo, nos anos 30 do século passado, contra a repressão, a miséria e a fome.

No dia 13 de novembro de 1935, o povo de Peniche, com destaque para os pescadores e suas famílias, revoltou-se contra a proibição da pesca durante um ano, dos barcos condenados, por uso de dinamite como técnica de pesca, e contra a prisão de 62 mestres, tendo ocupado a vila, cortado as comunicações telefónicas e telegráficas, e levantado uma barricada à saída de Peniche. Foi gritada pela população a palavra de ordem “Sem pesca, não há pão”. Os barcos condenados representavam 75% da frota de pesca de Peniche. As causas mais determinantes estiveram na crise social que atingiu gravemente as condições de vida de grande parte da população. Vivia-se miseravelmente e a não ida ao mar dos barcos durante um ano, agravava ainda mais a pobreza e a fome.

Quando as camionetas se encontravam na Praça Jacob Rodrigues Pereira prontas para transportar os mestres para a cadeia das Caldas da Rainha, os sinos começaram a tocar a rebate, chamando a população à rua. O comércio e as escolas fecharam, as conserveiras aderiram à luta. Os comerciantes colocaram na sua sede a bandeira a meia haste.

A população invadiu os carros destinados ao transporte dos mestres na tentativa de impedir a sua transferência para a prisão.



Porto de Pesca e Fortaleza de Peniche nos anos 30

A massa humana seguiu para o Portão de Peniche de Cima, barrou a estrada, cortando o trânsito, levantando uma barricada com barcos, grandes pedras, ferros, e outros materiais que lhes foi possível deitar mão, para impedir a saída das camionetas. Na zona do antigo Juncal foram derrubados postes telefónicos e de telecomunicações, e cortados os fios, interrompendo assim aquelas comunicações. A GNR, reforçada com mais forças, vindas de outras localidades, reprimiu ferozmente estas ações, começando a disparar, matando a tiro o pescador Francisco Sousa e ferindo outros. Assistiu-se a uma grande batalha campal de pedras contra balas.

Após estes acontecimentos, a vila foi invadida por forças militares e outras forças da repressão (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, antecessora da PIDE), sendo decretado o “estado de sítio” a partir das 21 horas. A PVDE realizou 45 prisões, sendo os presos enviados para a prisão do Limoeiro, em Lisboa.

Nos dias posteriores, o regime foi obrigado, pela força dos acontecimentos, e pela luta incessante da população, a libertar os mestres e os outros detidos e a permitir que os barcos pudessem ir ao mar. Foi também com esta jornada de resistência que se conseguiu que uma reivindicação antiga dos pescadores de Peniche fosse realizada: a construção do molhe Oeste. O dia 13 de novembro de 1935, em Peniche, ficou assim marcado como uma importante luta contra o fascismo.